

APRESENTAÇÃO

ROTAS DE FUGA E CAMINHOS FORÇADOS: MIGRAÇÕES AO LONGO DA HISTÓRIA

A presente edição nasceu da necessidade de dar vazão ao debate sobre um fenômeno social permanente e expressivo na história humana. Nesse sentido, o 13º número da Revista Hydra, cujo tema do dossiê é “Rotas de fuga e caminhos forçados: migrações ao longo da História”, teve como objetivo oferecer um espaço de destaque para as questões que envolvem os processos migratórios em diferentes espaços e temporalidades históricas. O estudo do processo migratório possibilita compreender problemáticas intrínsecas à formação social que vão além das discussões do deslocamento de um indivíduo e/ou grupos mais numerosos, seja ele voluntário ou involuntário.

Carlos Nolasco¹ já apontava que a conceitualização e as categorias que auxiliam na compreensão da migração e do sujeito migrante são insuficientes para abordar toda a complexidade desse fenômeno. Por outro lado, elas podem auxiliar na introdução desta temática ao propor distinções entre migrações internas e internacionais, temporárias e permanentes.

Dentre as motivações que acarretam a migração, podemos apontar para as questões econômicas, as políticas que determinam a legalidade ou ilegalidade do migrante, as oportunidades laborais, as mudanças climáticas, bem como as questões relacionadas às pautas étnico-raciais e de gênero. Outro ponto a ser considerado é o das representações sociais que o sujeito ou grupo migrante assume no novo espaço que ocupa, colocando em xeque a questão identitária acerca do sentido de pertencimento.

Partindo dessa perspectiva, o dossiê contém discussões relevantes no tocante a formação social brasileira quando ainda era uma colônia

¹ NOLASCO, Carlos. *Migrações Internacionais: Conceitos, Tipologia e Teoria*. Oficina do Centro de Estudos Sociais. Universidade de Coimbra. Março de 2016, p. 1-32.

portuguesa. O trabalho de Iasmim de Oliveira Cezar parte da problematização do comércio transatlântico para tratar dos caminhos sertanejos utilizados para a redistribuição dos escravos no interior da colônia. Clivya Nobre, por sua vez, apresenta uma outra perspectiva da formação nacional, ao investigar o processo migratório de africanos escravizados e portugueses degredados, estabelecendo uma análise historiográfica dos escritos do historiador Tarcísio Medeiros na década de 1980.

O trabalho de Vinicius Kleyton de Andrade Brito, por sua vez, abre espaço para pensar como o incentivo à migração portuguesa para o Brasil, durante o século XIX, contribuiu para o processo de substituição da mão de obra escrava, com foco na Companhia Seropédica Fluminense, estabelecendo, ainda, uma discussão sobre as condições trabalhistas ao traçar uma analogia à escravidão.

A questão étnico-racial também aparece por meio da ideia de miscigenação, propagandeada no Brasil durante o século XX. Nessa seara, Natalia da Paz Lage apresenta uma discussão seminal extraída de um estudo sobre a imigração portuguesa na primeira metade do século XX. Busca-se compreender a formação da comunidade de imigrantes portugueses de Santa Isabel, em Petrópolis, analisando como as relações matrimoniais estavam baseadas em uma seleção étnica contrária à proposta de miscigenação, incentivada pelas políticas de branqueamento.

A questão climática é outro fator que tem contribuído para o crescimento do número de migrações e que aparece nesta edição com o trabalho de Vítor Nunes. O autor buscou traçar a relação entre o fenômeno da migração interna provocado pelo período de seca na primeira metade do século XX, na região Nordeste brasileira, além de discutir os desdobramentos das políticas públicas, sobretudo das redes clientelistas que exerciam forte dominação sobre a população sertaneja.

No campo internacional, Bruna Doimo e Marcela de Oliveira Santos Silva apresentam uma discussão sobre o deslocamento forçado da população

alemã no período após a Primeira Guerra Mundial, relacionando as questões étnicas e as políticas firmadas entre os Estados europeus que implicaram na anexação de parte da população alemã. Em uma abordagem próxima, os autores João Vítor Sand e Rosane Marcia Neumann tratam do deslocamento de alemães no pós-Segunda Guerra Mundial, analisando cartas de migrantes destinadas à Cruz Vermelha, que possuía uma filial no estado do Rio Grande do Sul, no Brasil, entre os anos de 1946 e 1949.

Encerrando o dossiê, Romerito Valeriano da Silva e Elisângela Gonçalves Lacerda tratam de uma migração contemporânea a partir dos aportes da Geografia da População. O objetivo do artigo é avaliar o impacto, ou não, no aumento de solicitações de refúgio no Brasil por parte de indivíduos provenientes da Turquia, após a tentativa de golpe de Estado ocorrida neste país em 2016. Para tanto, os autores se valem, principalmente, dos instigantes dados fornecidos pelo Observatório das Migrações Internacionais.

Ademais, na seção de artigos livres foram reunidos trabalhos de diferentes segmentos que merecem destaque tanto pela densidade, quanto pela qualidade das discussões. Andrey Henrique Sartori Camargo Perdoncini buscou explicar as motivações que conduzem o encarceramento de indivíduos com base em um perfil específico, determinado pelo fator cor/raça, a partir do Mapa do encarceramento de 2015. Diego Leonardo Santana Silva, por sua vez, apresenta um debate acerca da supremacia racial dentro do paradigma do revisionismo histórico nos Estados Unidos, fundamentado no Destino Manifesto.

O artigo de Leandro Freitas Oliveira e Gabriela de Oliveira aborda uma revisão bibliográfica do conceito de poder enquanto potência em algumas obras consideradas canônicas, como *O Leviatã* de Thomas Hobbes (1588-1679) e *A sociedade punitiva* de Michel Foucault (1926-1984).

Luís Fernando de Souza Alves e André Luiz Mendes Athayde retomam o período da Ditadura Militar brasileira tendo como cenário a cidade de Montes

Claros, em Minas Gerais, dividindo o artigo em três partes para tratar de três fatos históricos interligados pelo território e pelo período.

Adentrando na seara jornalística, Barbara Fonseca e Amanda Cristina Nery Venancio da Silva discutem as relações entre o Movimento Paranista e o Museu Paranaense com base na análise das edições do jornal *A Republica* entre 1902 a 1922. Frederico Renan Hilgenberg Gomes e Georgiane Garabely Heil Vázquez, a seu turno, problematizam como o HIV/Aids foi apresentado na revista *Manchete* entre os anos de 1985 a 1990, ao examinar as cartas de leitores durante o período.

Para pensar alguns elementos no campo da estrutura e infraestrutura, Otávio Vítor Vieira Ribeiro buscou, na obra *A Amazônia – aspectos econômicos* (1892), de José Veríssimo (1857-1916), compreender quais foram as bases políticas e científicas que fundamentam o projeto de revitalização social e econômica na Amazônia do século XIX. Outrossim, Georgia de Proença dos Santos e Fernando Atique partem do processo de remodelação de espaços urbanos, a partir do Plano de Avenidas, para discutir algumas mudanças que afetaram diretamente a população de São Paulo a partir do final dos anos 1930.

Para encerrar, a atual edição conta com três resenhas que transitam pela História Transnacional, História Política e História da Educação. Em *Resistência e rebeldia: a perspectiva zapatista diante da luta global contra a Hidra Capitalista*, Rodrigo de Morais Guerra debate as críticas zapatistas ao sistema capitalista, representado pela figura mitológica da Hidra através do conjunto de discursos do Subcomandante Insurgente Galeno (2021), compilada na obra *Contra a Hidra Capitalista*.

Kauan Willian dos Santos, por sua vez, também utiliza a figura do ser de várias cabeças, porém, para representar os vários setores que configuraram as classes populares e sobretudo os anarquistas no século XIX. O autor aborda as contribuições de Constance Bantman (2021) sobre o debate historiográfico do anarquismo francês entre os anos 1854 e 1939 ao focar na história de vida

de Jean Grave, um jornalista francês e ativista que desempenhou um papel relevante no movimento anarquista do período.

Por fim, João Gabriel da Silva abre espaço para pensar as Potencialidades e Limites de uma História Transnacional da Educação ao resenhar a obra de Diana Vidal (2020), intitulada *Sujeitos e artefatos: territórios de uma História Transnacional*, indagando como as relações de trocas culturais e políticas internacionais implicaram na estruturação do modelo educacional brasileiro.

Em suma, acreditamos que os trabalhos do presente dossiê contemplam parte considerável das complexidades inerentes à temática, além de instigar novos debates que possibilitem a construção de diferentes perspectivas. Dessa maneira, a equipe editorial da Hydra agradece a significativa contribuição dos autores e autoras, e convida o público leitor a apreciar os trabalhos a seguir. Uma ótima leitura!

Fabiana Bueno Ferrarezi
Editora-chefe da Revista Hydra
Guarulhos, 22 de dezembro de 2023.